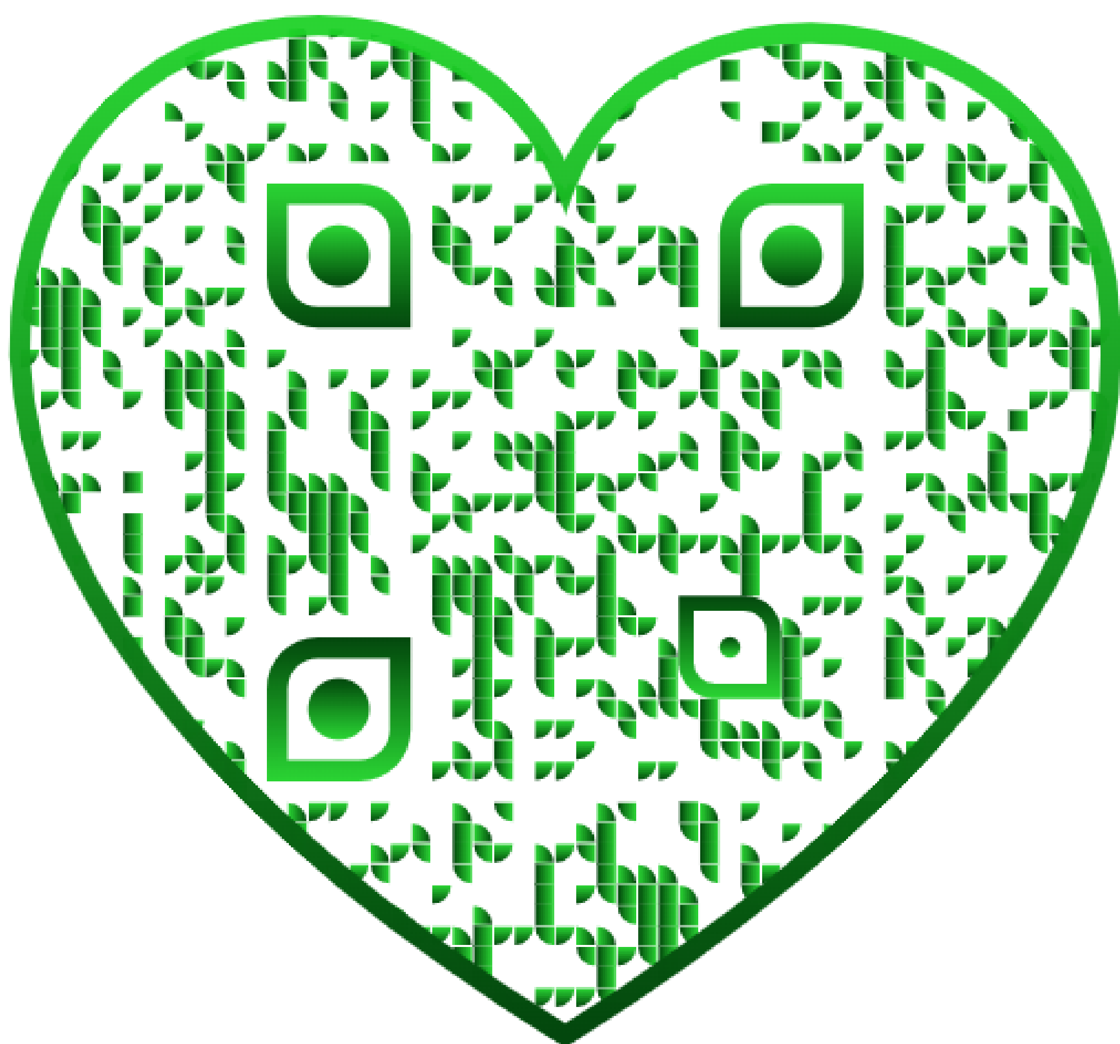
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE JARAGUÁ DO SUL
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS E JURÍDICAS

Comportamento Humano, Organizacional e Ambiental

LUIZ HENRIQUE ALVES RODRIGUES





INTRODUÇÃO

A Psicologia nasceu como capítulo integrante da Filosofa e assim viveu durante séculos. A Filosofia se dividia classicamente como Psicologia, Lógica, Ética ou Moral, Estética e Metafísica.

E a Psicologia, era então definida como “à parte da Filosofia que estuda a alma”. Os problemas principais da Psicologia, desde a antiguidade grega até o século XIX, eram a existência da alma, sua essência e natureza, vindo seguida o estudo da percepção, da memória, das paixões, etc.

Porém, com o passar do tempo, e principalmente no século passado, ocorreram profundas modificações: sob a influência de outras ciências, os psicólogos, passaram também a ter uma atitude mais científica, de acordo com as tendências do século.

E são destas mudanças, desta grande evolução da Psicologia através da História, que trata o presente trabalho.

1. HISTÓRIA DA PSICOLOGIA

1.1 - A PSICOLOGIA ATRAVÉS DA HISTÓRIA

A palavra **Psicologia** deriva de dois termos gregos: **psique** que significa “expiração”, “alma”, “vida” e **logia**, cujo significado é “estudo”, “tratado”, “teoria”.

O interessante é que, por mais clássica que seja a palavra **Psicologia**, só surgiu no século XVIII, ou mais precisamente, em 1734, quando Cristian Wolff empregou este termo para significar uma **disciplina**, então fazendo parte da Filosofia.

A história do pensamento humano tem um momento áureo na Antiguidade entre os gregos, particularmente no período de 700 a.C. até a dominação romana, às vésperas da era cristã.

1.2 - A PSICOLOGIA ENTRE OS GREGOS

Os gregos caracterizavam-se como o povo mais evoluído de sua época. Uma produção minimamente planejada e bem-sucedida permitiu a construção das primeiras cidades-estado (pólis). A conquista de novos territórios geraram riquezas. As riquezas geraram crescimento e este crescimento exigia soluções práticas. Isso explica os avanços das ciências.

Tais avanços permitiram que o cidadão se ocupasse das coisas do espírito, como a Filosofia e a arte. Alguns homens, como Platão e Aristóteles, dedicaram-se a compreender esse espírito empreendedor do conquistador grego, ou seja, a Filosofia começou a especular em torno do Homem e sua identidade.

É entre os filósofos gregos que surge a primeira tentativa de sistematizar uma Psicologia. O próprio termo “Psicologia, como já citado. Etimologicamente, portanto Psicologia significa “estudo da alma”. A alma ou espírito era concebida como a parte imaterial do ser humano e abarcaria pensamento, s sentimentos de amor e ódio, a irracionalidade, o desejo, a sensação e a percepção.

Os filósofos pré-socraticos preocupavam-se em definir a relação do homem com o mundo através da PERCEPÇÃO. Discutiam se o mundo existe porque o homem o vê ou se o homem vê o mundo que já existe. Havia uma oposição entre os IDEALISTAS (a idéia forma o mundo) e os MATERIALISTAS (a matéria que forma mundo já é dada para a percepção).

Mas é com Sócrates (469-399 a.C.) que a Psicologia na Antiguidade gana consistência. Tinha como principal característica humana a razão, o que permitia homem sobrepor-se aos instintos (animais), cases de irracionalidade. Sócrates abre um caminho que seria muito explorado pela Psicologia. As teorias da consciência sã, de certa forma, frutos dessa primeira sistematização na Filosofia.

O passo seguinte é dado pro Platão (427-347 a.C.). Procurou definir um “lugar” para a razão no nosso próprio corpo: a cabeça, onde se encontra “a alma do homem”. A medula seria um elemento de ligação da alma com o corpo – necessário, porque Platão concebia a alma separada do corpo. Quando alguém morria, a matéria (o corpo) desaparecia. Mas a alma ficava livre para ocupar outro corpo.

Aristóteles (384-322 a.C.) foi um dos principais, mais importantes pensadores da história da Filosofia. Inovou ao postular que alma e corpo não podem ser dissociados. Para Aristóteles, a “Psyché” seria o princípio ativo da vida. Tudo aquilo que cresce, se reproduz e se alimenta possui sua ”Psyché” ou alma. Desta forma, os vegetais, os animais, e o homem teriam alma. Os animais teriam alma reprodutiva e alma sensitiva, além da função da alimentaçã

orias”: a

PLATÔNICA, que postulava a imortalidade da alma e concebia separada do corpo, e a ARISTOTÉLICA, que afirmava a mortalidade da alma e sua relação de pertencimento ao corpo.

1.3 – A PSICOLOGIA NO IMPÉRIO ROMANO E NA IDADE MÉDIA

Às vésperas da era cristã, surge um nov império que iria dominar a Grécia, parte da Europa e do Oriente Médio: O Império romano. Uma das principais características desse período é o aparecimento e desenvolvimento do CRISTIANISMO – uma força religiosa que passa a força política dominante. Mesmo com as invasões bárbaras por volta de 400 a.C., que levam à desorganização econômica e ao esfacelamento dos territórios, o cristianismo sobrevive e até se fortalece, tornando-se a religião principal da Idade Média, período que então se iniciava.

E, falar de Psicologia nesse período é relacioná-la ao conhecimento religioso, já que, ao lado do poder econômico e político, a Igreja Católica também monopolizava saber e, conseqüentemente, o estudo do psiquismo.

Nesse sentido, dois grandes filósofos representam esse período: Santo Agostinho (354-430) e São Tomás de Aquino (1225-1274).

Santo Agostinho, como Platão, fazia cisão entre alma e corpo, no entanto, para ele, a alma era também, a manifestação divina no homem. Era imortal por ser o elemento que liga o homem a Deus. E, sendo a alma, também a sede de pensamento, a Igreja passa a preocupar-se com a compreensão da mesma.

São Tomás de Aquino viveu no período do aparecimento do protestanismo – uma época que preparava a transição para o capitalismo, com a revolução francesa e a revolução industrial na Inglaterra. Essa crise econômica e social leva ao questionamento da igreja e dos conhecimentos por ela produzidos. Foi, então, necessário que se encontrasse novas justificativas para relação entre Deus e o Homem. São Tomás de Aquino buscou em Aristóteles a distinção entre ESSÊNCIA e EXISTÊNCIA. Considera que o homem, na sua essência, busca a perfeição através de sua existência, introduzindo, porém, o ponto de vista religioso, ao contrário de Aristóteles, afirma que somente Deus seria capaz de reunir a essência e existência, em termos de igualdade. Portanto, a busca de perfeição pelo homem seria a busca de Deus.

São Tomás de Aquino encontra argumentos racionais para justificar os dogmas da Igreja e continua garantindo para ela o monopólio do estudo do psiquismo.

1.4– A PSICOLOGIA NO RENASCIMENTO

Um pouco mais de 200 anos após a morte de São Tomás de Aquino, tem início uma época de transformações radicais no mundo europeu. É o RENASCIMENTO ou RENASCENÇA. É a transição para o capitalismo e, portanto, começa a emergir uma nova forma de organização econômica e social. Dá-se, também um processo de valorização do homem.

As transformações ocorrem em todos os setores da produção humana. As ciências também conhecem um grande avanço. Começam a estabelecer métodos e regras básicas para a constituição do conhecimento científico. RENÉ DESCARTES (1596-1659) foi um dos filósofos que mais contribuíram para isso.

Descartes postula a separação entre mente (alma, espírito) e o corpo, afirmando que homem possui uma substância pensante e que o corpo desprovido do espírito é apenas uma máquina. Esse dualismo entre mente-corpo torna-se possível o estudo do corpo humano morto, o que era impensável nos séculos anteriores (o corpo era considerado sagrado pela Igreja, por ser a sede da alma) e dessa forma possibilita o avanço da Anatomia e da Fisiologia, que iria contribuir em muito para o progresso da própria Psicologia.

1.5– A ORIGEM DA PSICOLOGIA CIENTÍFICA

No século XIX, o avanço da ciência é necessário para dar respostas e soluções práticas. O crescimento do capitalismo resulta no processo da industrialização. Com isso, há um grande impulso no desenvolvimento da ciência. A ciência avança tanto que passa a ser um referencial para a visão do mundo. A própria Filosofia adapta-se aos novos tempos, com o surgimento do Positivismo (Augusto Comte).

É em meados do século XIX que os problemas e temas da Psicologia, até então estudados exclusivamente pelos filósofos, passam a ser, também, investigados pela Fisiologia e pela Neurofisiologia em particular. Os avanços que

atingiram também essa área levavam à formulação de teorias sobre o sistema nervoso central, demonstrando que o pensamento, as percepções e os sentimentos humanos eram produtos desse sistema.

Algumas descobertas são extremamente relevantes para a Psicologia. Por exemplo, por volta de 1846, a Neurologia descobre que a doença mental é fruto da ação direta ou indireta de diversos fatores sobre as células cerebrais.

O caminho natural seguido pelos fisiologistas, da época, interessados pelo fenômeno psicológico enquanto estudo científico era PSICOFÍSICA.

Por volta de 1860, temos a formulação de uma importante lei no campo da Psicofísica. É a LEI DE FECHNER-WEBER, que se estabelece à relação entre sensação e estímulo, permitindo a sua mensuração. Segundo Fechner-Weber, a diferença que sentimos ao aumentarmos a intensidade e iluminação de uma lâmpada de 100 para 110 Watts será a mesma sentida quando aumentarmos a intensidade de iluminação de 1000 para 1100 Watts.

Outra contribuição muito importante nesses primórdios da Psicologia Científica é de WILHELM WUNDT (1832-1926). Wundt cria na Universidade de Leipzing, na Alemanha, o primeiro laboratório para realizar experimentos na área de Psicofisiologia. Por esse fato e por sua extensa produção teórica na área, ele é considerado o "pai da Psicologia" moderna ou científica.

Wundt desenvolve a concepção do PARALELISMO PSICOFÍSICO: aos fenômenos mentais correspondem fenômenos orgânicos. Para explorar a mente ou a consciência do indivíduo, Wundt cria um método que denomina INTROSPECCIONISMO.

1.6– A PSICOLOGIA CIENTÍFICA

Embora a Psicologia tenha nascido na Alemanha, é nos Estados Unidos que ela encontra campo para um rápido crescimento, resultando do grande avanço econômico que colocou os Estados Unidos na vanguarda do sistema

capitalista. Portanto, é ali que surgem as primeiras abordagens u escolar em Psicologia, as quais deram origem às inúmeras teorias que existem atualmente.

Essas abordagens são: o **Funcionalismo**, de William James (1842-1910), o **Estruturalismo**, de Edward Titchner (1867-1927) e o **Associacionismo**, de Edwart L. Thorndike (1874-1949).

1.6.1 – O Funcionalismo

O Funcionalismo é considerado a primeira sistematização de conhecimentos em Psicologia genuinamente americana. Desenvolveu-se como uma reação ao Estruturalismo. Os Funcionalistas interessavam-se pelos propósitos do comportamento e não pela estrutura da mente. O Funcionalismo investigou a adaptação ou ajustamento do sujeito a diferentes ambientes.

Em geral, os funcionalistas adotaram um ponto de vista mais amplo da Psicologia do que os estruturalistas, o que lhes permitiu o estudo de grande variedade de sujeitos; inclusive o estudo da motivação e das emoções, da Psicologia infantil e de várias áreas da Psicologia Aplicada.

1.6.2 – O Estruturalismo

O Estruturalismo é a posição tomada por Wundt que posteriormente foi desenvolvida por Edward Tichener (1867-1927). Para os estruturalistas a Psicologia era o estudo dos relatos introspectivos de adultos humanos normais. Sujeitos treinados faziam relatórios descritivos de como reagiam aos estímulos. Suponha-se que estes relatórios permitiam aos psicólogos interpretar a estrutura da mente e como ela funciona.

1.6.3 – O Associacionismo

O principal representante do Associacionismo é Edward L. Thorndike e, sua importância está em ter sido o formulador de uma primeira teoria de aprendizagem na Psicologia.

O termo "Associacionismo" origina-se da concepção de que a aprendizagem se dá por um processo e associação das idéias – das mais simples às mais complexas. Assim, para aprender uma coisa mais complexa, uma pessoa, primeiro teria que aprender as idéias mais simples, que a estariam **Associadas**.

2. AS PRINCIPAIS TEORIAS DA PSICOLOGIA NO SÉCULO XX

A Psicologia, enquanto um ramo da Filosofia, estudava a alma. A Psicologia Científica nasce quando, de acordo com os padrões da ciência do século XIX, Wundt preconiza a Psicologia "sem alma". O conhecimento tido como científico passa então a ser aquele produzido em laboratórios, com o uso de instrumentos de observação e medição. Se, antes, a Psicologia estava subordinada à Filosofia, a partir daquele século, ela passa a ligar-se a especialidade na Medicina, que assumira o método de investigação das ciências naturais como o critério rigoroso de construção d conhecimento antes da Psicologia.

Essa Psicologia Científica, que se constituiu de três escolas – Associacionismo, Estruturalismo e Funcionalismo – foi substituída, no século XX, por novas teorias.

As três mais importantes tendências teóricas da Psicologia neste século são consideradas por inúmeros autores, como Plitzer e Japiassu, como sendo o BEHAVIORISMO ou TEORIA S-R (Estímulo-Resposta), a GESTALT e a PSICANÁLISE.

PRINCIPAIS TEORIAS

1. O BEHAVIORISMO

1.1. O Estudo do Comportamento

O termo behaviorismo foi inaugurado pelo americano John B. Watson, em um artigo de 1913 que apresentava o título *Psicologia como os behavioristas vêem*. O termo inglês *behavior* significa **comportamento**, daí se denominar esta

tendência teórica de behaviorismo. Mas, também, utilizamos outros nomes para designa-la, como **comportamentalismo**, **teoria comportamental**, **análise experimental do comportamento**.

Watson, postulando o comportamento como objeto da Psicologia, dava esta ciência a consciência que os psicólogos da época vinham buscando. Um objeto **observável**, **mensurável**, que podia ser **reproduzido** em diferentes condições e em diferentes sujeitos. Essas características eram importantes para que a Psicologia alcançasse o *status* de ciência, rompendo definitivamente cm a sua tradição filosófica.

É importante esclarecer que Behaviorismo, apesar de colocar o comportamento como o objeto da Psicologia, considera que "só quando se começa a relacionar os aspectos do comportamento com os do meio é que há a possibilidade de existir uma psicologia científica".

Portanto o Behaviorismo dedicou-se ao estudo do comportamento, na relação que este mantém cm o meio ambiente onde ocorre. Mas, como comportamento e meio ambiente são termos amplos demais para serem úteis para uma análise descritiva nesta ciência, os psicólogos desta tendência chegaram aos conceitos de **estímulo** e **resposta** (**teoria S-R**: abreviatura dos termos latinos *Stimulus* e *Responsio*).

Estímulo e resposta são, portanto, as unidades básicas da descrição e o ponto de partida para uma ciência do comportamento.

O homem começa a ser estudado como produto do processo de aprendizagem pelo qual passa desde a infância, ou seja, como produto das associações estabelecidas durante sua vida, entre estímulos (do meio) e respostas (manifestações comportamentais).

1.2. A Análise Experimental do Comportamento

O mais importante dos behavioristas que sucedem Watson é B.F. Skinner (1904-1990).

O Behaviorismo de Skinner, conhecido como **análise experimental do comportamento**, tem influenciado muitos psicólogos americanos e de vários países onde a psicologia americana tem grande penetração, como o próprio Brasil.

A base da corrente skinneriana está na formulação do **condicionamento operante**. Para desenvolver este conceito, retrocederemos um pouco na história do Behaviorismo, introduzindo as noções de comportamento reflexo e condicionamento respondente, para então chegar ao condicionamento operante. Vamos lá.

1.2.1. O Condicionamento Respondente

O comportamento reflexo é o comportamento não voluntário e inclui as respostas que são eliciadas ("produzidas") por modificações especiais de estímulos do ambiente. Por exemplo, a contração das pupilas quando uma luz forte incide sobre os olhos, a salivação quando uma gota de limão é colocada na ponta da nossa língua. Arrepio da pele quando um ar frio nos atinge, as famosas "lágrimas de cebola" etc.

Como já dissemos, esses comportamentos reflexos são involuntários e eliciados pelos estímulos especiais do meio. Mas também podem ser provocados Poe outros estímulos, que, originalmente, nada têm a ver com o comportamento, graças à associação entre estímulos.

Assim, se um estímulo neutro (aquele que originalmente nada tem a ver com o comportamento) for pareado (associado), um certo número de vezes, a um estímulo eliciador (aquele que elicia o comportamento), o estímulo previamente neutro irá evocar a mesma espécie de resposta. Para deixar isso mais claro, vamos a um exemplo: "Suponha que, numa sala aquecida, sua mão direita seja mergulhada numa vasilha de água gelada. Imediatamente a temperatura da mão abaixar-se-á, devido ao encolhimento ou constrição dos vasos sanguíneos. Isto é um exemplo de comportamento respondente. Será acompanhado de uma modificação semelhante, e mais facilmente mensurável, na mão esquerda, onde a

constrição vascular também seria induzida. Suponha agora que a sua mão direita seja mergulhada na água gelada um certo número de vezes, digamos em intervalos de três ou quatro minutos: e, além disso, que você uca uma cigarra elétrica pouco antes de cada imersão. Lá pelo vigésimo pareamento do som da cigarra com a água fria, a mudança de temperatura poderá ser eliciada apenas pelo som – isto é, sem necessidade de molhar um das mãos".

Neste exemplo de condicionamento respondente, o rebaixamento da temperatura da mão eliciado pela água fria é uma resposta incondicionada (não dói condicionada), enquanto o rebaixamento da temperatura eliciado pelo som é uma resposta condicionada (aprendida); a água é um estímulo incondicionado, e o som, ume estímulo condicionado.

Skinner concentrou seus estudos na possibilidade de condicionar os comportamentos operantes.

1.2.2. O condicionamento Operante

O comportamento operante é o comportamento voluntário e abrange uma quantidade muito maior de atividade humana – desde os comportamentos do bebê de balbuciar, agarrar objetos, olhas os enfeites do berço, até os comportamentos mais sofisticados que o adulto apresenta. Como nos diz Keller, o comportamento operante "inclui todos os movimentos de um Organismo dos quais se possa dizer que, em algum momento, têm um efeito sobre ou fazem algo ao mundo em redor. O comportamento operante opera sobre o mundo, por assim dizer, quer direta, quer diretamente".

A leitura que você está fazendo desta apostila; escrever; pedir para o táxi parar com um gesto de mão; pilotar um avião; fazê-lo explodir; tocar um instrumento; namorar; são todos exemplos de comportamento operante. O condicionamento do comportamento operante tem seus fundamentos na Lei do Efeito, de Thorndike. Segundo Keller, em essência, essa lei enuncia que "um ato pode ser alterado na sua força pelas suas conseqüências".

Assim, se deixarmos um ratinho privado de água durante 24 horas, ele certamente apresentará um comportamento de beber água assim que tiver oportunidade. Ora, o ratinho, no seu hábitat, quando quer beber água, emite um comportamento que lhe permite realizar o intento. Esse comportamento foi sem dúvida, aprendido e mantido pelo efeito que proporcionou: matar a sede.

Sabendo disso, podemos reproduzir essa situação num laboratório. Neste caso, porém, nós determinaremos a resposta que o organismo deverá emitir para conseguir o efeito de matar a sede.

Colocaremos então nosso ratinho na "caixa de Skinner", onde ele encontrará apenas uma barra, que quando pressionada, aciona um mecanismo (camuflado para o ratinho) que faz com que uma pequena haste traga à caixa uma gota de água.

Que resposta esperamos do nosso ratinho? Que pressione a barra. Como isto ocorre pela primeira vez? Por acaso, por mero acidente, o ratinho, na exploração da caixa, encosta na barra e faz surgir pela primeira vez, a gotinha de águam que é lambida devido à sede. Para sacia-la, ele continuará buscando a água e irá repetir o seu comportamento até que o ato de pressionar a barra esteja associado ao aparecimento de água.

Neste caso, do condicionamento operante, o que propicia a aprendizagem do comportamento é a ação do organismo sobre o meio e o efeito resultante; no sentido de satisfazer-lhe alguma necessidade, ou seja, a relação que se estabelece entre uma ação e seu efeito.

Este condicionamento operante pode ser representado da seguinte maneira: $R \longrightarrow S$, onde **R** é a resposta (pressionar a barra), a flecha significa "leva a" e **S** é o estímulo reforçador (a água), que tanto interessa ao organismo.

Esse estímulo reforçador é chamado de **reforço**. E é mantido o termo **estímulo**, por ser ele o responsável pela ação, apesar de ocorrer depois do comportamento. Assim, agimos ou operamos sobre o mundo em função das conseqüências que nossa ação cria. O estímulo de nossa ação está em suas conseqüências.

Pense no aprendizado de um instrumento. Nós o tocamos para ouvir seu som. Ou, outros exemplos, como danar, para estar próximo ao corpo do outro, mexer com a garotinha para receber seu olhar, abrir uma janela para que entre a luz.

Reforço

O reforço pode ser positivo ou negativo. O **reforço positivo** é aquele que, quando apresentado, atua para fortalecer o comportamento que o precede, como já afirmamos acima.

O **reforço negativo** é aquele que fortalece a resposta que o remove.

Assim, poderíamos voltar à nossa caixa de Skinner, que agora, em vez de gotas de água, terá um choque no assoalho, que poderá ser removido pela pressão da barra. Ap's tentativas de evitar choque, ratinho cega à barra e a pressiona (por acaso, como da outra vez). O choque desaparece. Aos poucos, o bater na barra estará associado com o desaparecimento do choque. Este condicionamento dá-se pr reforçamento negativo. É condicionamento porque é aprendizagem, é reforçamento porque um comportamento é emitido e aumentado em sua freqüência por obter um efeito desejado.

O reforçamento positivo oferece alguma coisa ao organismo; o negativo permite a retirada de algo indesejável.

Extinção

Assim como podemos instalar comportamentos, podemos "descondicionar uma resposta". Skinner trabalhou nesse processo de eliminação dos comportamentos indesejáveis ou inadequados e denominou-o de **extinção**.

O salto do condicionamento operante para a extinção foi curto. Se é o reforço ou o efeito que mantém um comportamento operante, cm certeza a **ausência desse reforço** fará desaparecer a resposta.

Deixamos então de paquerar uma menina, quando depois de várias investidas, ela nem nos dirige o olhar, ignora-ns.

Outra forma de extinção do comportamento é a chamada **punição**. A extinção pela suspensão do reforço é uma maneira demorada de "eliminar" uma resposta Quando se trata de eliminar um comportamento muito inadequado e que possa trazer perigo ao próprio organismo, é preciso usar a técnica mais eficiente. Sabendo que todo organismo tende a fugir de estímulos aversivos, indesejáveis, é possível dosar a intensidade desses estímulos, para, sem agredir o organismo, desestimula-l a continuar emitindo uma determinada resposta.

Se você retornar um pouco no tempo, na história de sua vida, lembrar-se-á das palmadas e dos castigos que recebeu de seus pais, quando emitia um comportamento indesejável. Essas palmadas e castigos eram punições e tendiam a levar ao desaparecimento do comportamento.

É preciso um certo cuidado para não confundir o reforçamento negativo com a punição. No caso do reforçamento negativo, um comportamento está sendo **instalado** para evitar um estímulo desagradável; no caso da punição, um determinado comportamento estará sendo **eliminado** através a emissão de um estímulo aversivo.

Assim, nosso ratinho, que avia aprendido a bater na parra para obter água (reforçamento positivo) e em seguida aprendeu a bater nela para eliminar o choque (reforçamento negativo), poderá agora ter seu comportamento de bater na barra eliminando se, cada vez que fizer isso, liberaremos um choque (punição) ou, ainda, se nunca mais lhe for apresentada a gotinha de água (suspensão do reforço).

Generalização

Este conceito complementa a nossa compreensão da teoria do reforço como uma teria de aprendizagem.

Quando estamos treinados para emitir uma determinada resposta em dada situação, poderemos emitir esta mesma resposta em situações onde percebemos

uma semelhança entre os estímulos. Quando percebemos a semelhança entre os estímulos e os aglutinamos em classes, estamos usando nossa capacidade de generalizar, ou seja, uma capacidade de responder de forma semelhante a situações que percebemos como semelhantes.

Esse princípio da generalização é fundamental quando pensamos na aprendizagem escolar. Nós aprendemos na escola alguns conceitos básicos a fazer contas e a escrever certas palavras. Graças à generalização, podemos transferir esses aprendizados para diferentes situações, como dar troco ou recebe-l numa compra, escrever uma carta para a namorada distante e aplicar conceitos de Física para consertar aparelhos domésticos.

Na vida cotidiana, também aprendemos a nos comportar em diferentes situações sociais, dada a nossa capacidade de generalização no aprendizado das regras e normas sociais. E aqui vale a pena falar de uma outra capacidade que temos, importante tanto no aprendizado escolar quanto no aprendizado social: a discriminação.

Discriminação

Se a generalização é a capacidade de perceber semelhanças entre estímulos e responder de maneira semelhante ou igual a todos eles, a **discriminação** é o processo inverso, é a capacidade que temos de perceber diferenças entre estímulos e responder diferentemente a cada um deles.

Poderíamos aqui pensar no aprendizado social. Há, por exemplo, normas e regras de conduta para festas: cumprimentar s presentes, ser gentil, procurar manter diálogo com as pessoas, agradecer e elogiar a dna da casa. No entendo, as festas podem ser diferentes: mais informais; familiares; pomposas, em casa de patrão de seu pai. Somos então capazes de discriminar esses diferentes estímulos e de nos comportarmos de maneira diferente em cada uma das situações.

2. BEHAVIONISMO: SUA APLICAÇÃO

A principal área de aplicação dos conceitos apresentados tem sido a educação. São conhecidos os métodos de ensino programado e o controle e organização das situações de aprendizagem, bem como a elaboração de uma tecnologia de ensino.

Entretanto, outras áreas também têm recebido a contribuição das técnicas e conceitos desenvolvidos pelo Behaviorismo, como a área de treinamento de empresas, a clínica psicológica, o trabalho educativo de crianças excepcionais, a publicidade e outros mais.

Na verdade, a análise experimental d comportamento pode auxiliar-nos a descrever nossos comportamentos em qualquer situação, ajudando-nos a modificá-los

2. A GESTALT

2.1. A Psicologia da Forma

A Psicologia da Gestalt é uma das tendências mais coerentes e coesas da história da Psicologia. Sues articuladores preocuparam-se em construir não só

uma teoria consistente, mas também uma base metodológica forte, que garantisse a consistência teórica.

Gestalt é um termo alemão de difícil tradução. O termo mais próximo em português seria **forma** ou **configuração**, quer não é utilizado, por não corresponder exatamente ao seu real significado em Psicologia.

No final do século passado, muitos estudiosos procuravam compreender o fenômeno psicológico em seus aspectos naturais (principalmente no sentido da mensurabilidade). A Psicofísica estava em voga.

Ernst Mach (1838-1916), físico, e Christian von Ehrenfels (1859-1932) filósofo e psicólogo desenvolviam uma psicofísica com estudos sobre sensações (o dado psicológico) de espaço-forma e tempo-forma (o dado físico) e podem ser considerados como os mais diretos antecessores da Psicologia da Gestalt.

Max Wertheimer (1880-1943), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Kurt Koffka (1886-1941), baseados nos estudos psicofísicos que relacionaram a forma e sua percepção, construíram a base de uma teoria eminentemente psicológica.

Eles iniciaram seus estudos pela percepção e sensação do movimento. Os gestaltistas estavam preocupados em compreender quais os processos psicológicos envolvidos na ilusão de ótica, quando o estímulo físico é percebido pelo sujeito como uma **forma** diferente da que ele tem na realidade.

É o caso do cinema. Quem já viu uma fita cinematográfica sabe que ela é composta de fotogramas estáticos. O movimento que vemos na tela é uma ilusão de ótica causada pela pós-imagem retiniana (a imagem demora um pouco para se “apagar” em nossa retina). Com as imagens vão-se sobrepondo em nossa retina, temos a **sensação** de movimento. Mas o que de fato está na tela é uma fotografia estática.

2.2. A Percepção

A percepção é o ponto de partida e também um dos temas centrais dessa teoria. Os experimentos com a percepção levaram os teóricos da Gestalt ao questionamento de um princípio implícito na teria behaviorista – que há relação de

causa e efeito entre o estímulo e a resposta – porque, para os gestaltistas, entre o estímulo que o meio fornece e a resposta do indivíduo, encontra-se o **processo de percepção**. O que o indivíduo percebe e como percebe, são dados importantes para a compreensão do comportamento humano.

O confronto Gestalt/Behaviorismo pode ser resumido na posição que cada uma das teorias assume diante d objeto da Psicologia – o comportamento, pois tanto a Gestalt quanto o Behaviorismo definem a Psicologia como a ciência que estuda o comportamento.

O Behaviorismo, dentro de sua preocupação com a objetividade, estuda o comportamento através da relação estímulo-resposta, procurando isolar o estímulo q corresponderia à resposta esperada e desprezando os conteúdos de "consciência", pela impossibilidade de controlar cientificamente essas variáveis.

A Gestalt irá criticar essa abordagem, por considerar que o comportamento, quando estudado de maneira isolada de um contexto mais amplo, pode perder seu significado (o seu entendimento) para o psicólogo.

Na visão dos gestaltistas, o comportamento deveria ser estudado nos seus aspectos mais globais, levando em consideração as condições que alteram a percepção do estímulo. Para justificar essa postura, eles se baseavam na teoria do isomorfismo, que supunha uma unidade no universo, onde a parte está sempre relacionada ao todo.

Quando eu vejo uma parte de um objeto, ocorrerá uma tendência à restauração do equilíbrio da forma, garantindo o entendimento do que estou percebendo.

Esse fenômeno da percepção é norteado pela busca do **fechamento**, **simetria** e **regularidade** dos pontos que compõem uma figura (objeto).

Rudolf Arnheim dá um com exemplo da tendência à restauração do equilíbrio na relação parte-todo: "De que modo o sentido da visão se apodera da forma? Nenhuma pessoa dotada de um sistema nervoso perfeito apreende a forma alinhavando os retalhos da cópia de suas partes (...) o sentido normal da visão (...) apreende um padrão global".

2.2.1. A boa-forma

A Gestalt encontra nesses fenômenos da percepção as condições para a compreensão do comportamento humano. A maneira como percebemos um determinado estímulo irá desencadear nosso comportamento.

Muitas vezes, os nossos comportamentos guardam relação estreita com os estímulos físicos, e outras, eles são completamente diferentes do esperado porque “entendemos” o ambiente de uma maneira diferente da sua realidade. Quantas vezes já nos aconteceu de cumprimentarmos a distância uma pessoa conhecida e, ao chegarmos mais perto, depararmos com um atônito desconhecido. Um “erro” de percepção nos levou ao comportamento de cumprimentar o desconhecido. Ora, corre que, no momento em que confundimos a pessoa, estávamos “de fato” cumprimentando nosso amigo.

Esta pequena confusão demonstra que a nossa percepção do estímulo (a pessoa desconhecida) naquelas condições ambientais dadas é mediatizada pela forma como **interpretarmos** o conteúdo percebido.

Se nos elementos percebidos não há equilíbrio, simetria, estabilidade e simplicidade, não alcançaremos a boa-forma.

O elemento que objetivamos compreender deve ser apresentado em aspectos básicos, que permitam a sua decodificação, ou seja, a percepção da boa-forma.

2.2.2. Meio geográfico e meio comportamental

O comportamento é determinado pela percepção do estímulo e, portanto, estará submetido à lei da boa-forma. O conjunto de estímulos determinantes do comportamento (lembre-se da visão global dos gestaltistas) é denominado **meio** ou **meio ambiental**. São conhecidos dois tipos de meio: o geográfico e o comportamental.

O **meio geográfico** é o meio enquanto tal, o meio físico em termos objetivos. O **meio comportamental** é o meio resultante da interação do indivíduo

com o meio físico e implica a interpretação desse meio através das forças que regem a percepção (equilíbrio, simetria, estabilidade e simplicidade). No exemplo, a pessoa que cumprimentamos era um desconhecido – esse deveria ser o dado percebido, se só tivéssemos acesso ao meio geográfico. Ocorre que, no momento em que vimos à pessoa, a situação (encontro casual no trânsito em movimento, por exemplo) levou-nos a uma interpretação diferente da realidade, e acabamos por confundi-la com uma pessoa conhecida. Esta particular interpretação do meio, onde o que percebemos agora é uma "realidade" subjetiva, particular, criada pela nossa mente, é o meio comportamental. Naturalmente, o comportamento é desencadeado pela percepção do meio comportamental.

Certamente, a semelhança entre as duas pessoas do exemplo (a que vimos e a que conhecemos) foi a causa do engano. Nesse caso, houve uma tendência a estabelecer a unidade das semelhanças entre as duas pessoas, mais que as suas diferenças. Essa tendência a "juntar" os elementos é o que a Gestalt denomina de **força do campo psicológico**.

2.2.3. Campo Psicológico

O **campo psicológico** é entendido como um campo de força que nos leva a procurar a boa-forma. Funciona figurativamente como um campo eletromagnético criado por um imã (a força de atração e repulsão). Esse campo de força psicológico tem uma tendência que garante a busca da melhor possível em situações que não estão muito estruturadas.

Esse processo ocorre de acordo com os seguintes princípios:

a) **Proximidade** – os elementos mais próximos tendem a ser agrupados;
b) **Semelhança** – os elementos semelhantes são agrupados;
c) **Fechamento** – ocorre uma tendência de completar os elementos faltantes da figura para garantir sua compreensão.

2.2.4. Insight

A Psicologia da Gestalt, diferentemente do associacionismo, vê a aprendizagem como a relação entre o todo e a parte, onde o todo tem papel fundamental na compreensão do objeto percebido, enquanto as teorias de S-R (Associacionismo e Behaviorismo) acreditam que aprendemos estabelecendo relações – dos objetos mais simples para os mais complexos.

Exemplificando, é possível a uma criança de 3 anos, que não sabe ler, distinguir a logomarca de um refrigerante e nomeá-lo corretamente. Ela separou a palavra na sua totalidade, distinguindo a figura (palavra) e o fundo (figura 7). No caso, a criança não aprendeu a ler a palavra juntando as letras, como nos ensinaram, mas dando significação ao todo.

Nem sempre as situações vividas por nós apresentam-se de forma tão clara, que permita sua percepção imediata. Essas situações dificultam o processo de aprendizagem, porque não permitem uma clara definição da figura-fundo, impedindo a relação parte/todo.

Acontece, às vezes, de estarmos olhando para uma figura que não tem sentido para nós e, de repente, sem que tenhamos feito qualquer esforço especial para isso, a relação figura-fundo elucida-se.

A esse fenômeno a Gestalt dá o nome de *insight*. O termo designa uma compreensão imediata, enquanto uma espécie de “entendimento interno”.

2.3. TEXTO COMPLEMENTAR

A Teoria de Campo de Kurt Lewin

Kurt Lewin (1890-1947) trabalhou durante 10 anos com Wertheimer, Koffka e Köhler na Universidade de Berlim, e dessa colaboração com os pioneiros da

Gestalt nasce a sua **Teoria de Campo**. Entretanto não podemos considerar Lewin como um gestaltista, já que ele acaba seguindo um outro rumo. Lewin parte da teoria da Gestalt para construir um conhecimento novo e genuíno. Ele abandona a preocupação psicofisiológica (liminares de percepção) da Gestalt, para buscar na Física as bases metodológicas de sua psicologia.

O principal conceito de Lewin é o do **espaço vital**, que ele define como "a totalidade dos fatos que determinam o comportamento do indivíduo num certo momento". Que Lewin concebeu como **campo psicológico** foi o espaço de vida considerado dinamicamente, onde se levam em conta não somente o indivíduo e o meio, mas também a totalidade dos fatos coexistentes e mutuamente interdependentes.

Segundo Garcia-Roza, o "campo não deve, porém ser compreendido como uma realidade física, mas sim fenomênica. Não apenas os fatos físicos que produzem efeitos sobre o comportamento. O campo deve ser representado tal como ele existe para indivíduo em questão, num determinado momento, e não como ele é em si. Para a constituição desse campo, as amizades, os objetivos conscientes e inconscientes, os sonhos e os medos são tão essenciais como qualquer ambiente físico".

A **realidade fenomênica** em Lewin pode ser compreendida como o meio comportamental da Gestalt, ou seja, a maneira particular como o indivíduo interpreta uma determinada situação. Entretanto, para Lewin, esse conceito não está referindo apenas à percepção (enquanto o fenômeno psicofisiológico), mas também a característica de personalidade do indivíduo, a componentes emocionais ligados ao grupo e à própria situação vivida, assim como a situações passadas e que estejam ligadas a acontecimento, na forma em que são representadas no espaço de vida atual do indivíduo.

Como exemplo de campo psicológico e espaço vital, contaremos um breve encontro:

> Um rapaz, a chegar a sua casa, surpreende os pais num final de conversa e escuta o seguinte: "Ele chegou, é melhor não falarmos disso agora". Ele entende que s pais conversavam sobre um problema muito sério, de que ele não deveria tomar conhecimento. Resolve não fazer nenhum comentário sobre o assunto. Dias depois, chegando novamente em casa, encontra seus pais na sala com dois homens em ternos escuros. Imediatamente, associa esses homens ao final da

conversa escutada e entende que eles, de alguma forma, estariam relacionados às preocupações dos pais.

Ocorre que a conversa referia-se a uma surpresa que os pais preparavam para o seu aniversário, e os dois homens eram antigos colegas de faculdade de seu pai, que aproveitavam a passagem pela cidade para fazer uma visita ao colega que há tanto tempo não viam.

Nessa história, o campo psicológico é representado pelas “linhas de força” (como no campo da eletromagnética), que “atraem” a percepção e lhe dão significado. O rapaz interpretou a situação pelo seu aspecto fenomênico e não pelo que ocorreria de fato. A sua interpretação ganhou consistência com a visita de duas pessoas que ele não conhecia e, nesse sentido, as linhas de força estavam fazendo um corte n tempo. Isso foi possível porque o rapaz havia memorizado a situação anterior e a ela associado a seguinte. A partir da experiência anterior, a nova ganhou significado. O espaço vital esteve representado pela situação mais imediata, que determinou o comportamento. Foi o caso do rapaz quando surpreendeu os pais conversando e procurou fingir que nada havia escutado ou a surpresa a encontrar aqueles homens em sua casa. O entendimento desse espaço vital depende diretamente do campo psicológico.

Como Lewin considerava que o comportamento deve ser visto em sua totalidade, não demorou muito para chegar ao conceito de grupo. Praticamente todos os momentos de nossas vidas se dão no interior dos grupos. Segundo Lewin, a característica essencialmente definidora do grupo é a interdependência de seus membros. Isto significa que grupo, para ele, não é a soma das características de seus membros, mas algo novo, resultante dos processos que ali ocorrem. Assim, a mudança em um membro no grupo pode alterar completamente a dinâmica deste.

Lewin deu muita ênfase ao pequeno grupo, por considerar que a Psicologia ainda não Possi instrumental suficiente para o estudo de grandes massas.

Transportando a noção de campo psicológico para a Psicologia social, Lewin criou o conceito de **campo social**, formado pelo grupo e seu ambiente. Outra característica do grupo é o clima social, onde uma liderança autocrática,

democrática ou *laissez-faire* irá determinar o desempenho do grupo. Através de um minucioso trabalho experimental, Lewin pesquisou a dinâmica grupal e foi, sem dúvida alguma, um dos psicólogos que mais contribuições trouxeram para a área de Psicologia, contribuições que estão presentes até hoje, embasando as teorias e as técnicas de trabalho com os grupos.

3. A PSICANÁLISE

3.1. Sigmund Freud

As teorias científicas surgem influenciadas pelas condições da vida social, nos aspectos econômicos, políticos, culturais, etc. São produtos históricos criados

por homens concretos, que vivem o seu tempo e contribuem ou alteram, radicalmente, desenvolvimento da Ciência.

Sigmund Freud (1856-1939) foi um médico vienense que alterou, radicalmente, o modo de pensar a vida psíquica. Sua contribuição é comparável à de Karl Marx na compreensão dos processos históricos e sociais. Freud ousou colocar os "processos misteriosos" do psiquismo, suas "regiões obscuras", isto é, as fantasias, s sonhos, os esquecimentos, a interioridade do homem, como problemas científicos. A investigação sistemática desses problemas levou Freud à criação da **Psicanálise**.

O termo psicanálise é usado para se referir a uma teoria, a um método de investigação e uma prática profissional. Enquanto **teoria** caracteriza-se por um conjunto de conhecimentos sistematizados sobre o funcionamento da vida psíquica. Freud publicou uma extensa obra, durante toda a sua vida, relatando suas descobertas e formulando leis gerias sobre a estrutura e o funcionamento da psique humana. A Psicanálise, enquanto **método de investigação**, caracteriza-se pelo método interpretativo, que busca o significado oculto daquilo que é manifesto através de ações e palavras ou através das produções imaginárias, como os sonhos, os delírios as associações livres. A **prática profissional** refere-se à forma de tratamento psicológico (a análise), que visa a cura ou o autoconhecimento.

Compreender a Psicanálise significa percorrer novamente o trajeto pessoal de Freud, desde a origem dessa ciência e durante grande parte de seu desenvolvimento. A relação entre autor e obra torna-se mais significativa quando descobrimos que grande parte de sua produção foi baseada em suas experiências pessoais, transcritas cm rigor em várias de suas obras, como *A interpretação dos sonhos* e *A psicopatologia da vida cotidiana*, dentre outras.

Compreender a Psicanálise significa, também, repetir, no nível pessoal, a experiência de Freud e buscar "descobrir" as regiões obscuras da vida psíquica, vencendo as resistências interiores, pois, se ela foi realizada por Freud, "não é uma aquisição definitiva da humanidade, mas tem que ser realizada de novo por cada paciente e por cada psicanalista".

3.1.1 A Gestação da Psicanálise

Freud formou-se em Medicina na Universidade de Viena, em 1881, e especializou-se em Psiquiatria. Trabalhou algum tempo em um laboratório de Fisiologia e deu aulas de Neuropatologia no instituto onde trabalhava. Por dificuldades financeiras, não pôde dedicar-se integralmente à vida acadêmica e de pesquisador. Começou então a clinicar, atendendo pessoas acometidas de”problemas nervosos”. Obteve, ao final da residência médica, uma bolsa de estudo para Paris, onde trabalhou com Jean Charcot, psiquiatra francês que tratava as histerias com hipnose. Em 1886, retornou a Viena e voltou a clinicar, e seu principal instrumento de trabalho na eliminação dos sintomas dos distúrbios psicológicos, passou a ser a sugestão hipnótica.

Em Viena, o contato de Freud com Josel Breuer, médico e cientista, também foi importante para a continuidade das investigações. Nesse sentido, o caso de uma paciente de Breuer foi significativo. Ana O. apresentava um conjunto de sintomas que a fazia sofrer, isto é, distúrbios somáticos que produziam paralisia com contratura muscular, inibições e dificuldade de pensamento. Esses sintomas tiveram origem no período em que ela cuidara do pai enfermo. No período em que ela cumpria essa tarefa, ela havia tido pensamentos e afetos que se referiam a um desejo de que o pai morresse. Estas idéias e sentimentos foram reprimidos e substituídos pelos sintomas.

Em seu estado de vigília, Ana O. não era capaz de indicar a origem de seus sintomas, mas, sob o efeito de hipnose, relatava a origem de cada um deles, que estavam ligados as vivências anteriores da paciente, relacionadas com o episódio da doença do pai. Com a rememoração destas cenas e vivências, os sintomas desapareciam. Este desaparecimento dos sintomas não ocorreria de forma “mágica”, mas devido à liberação das reações emotivas associadas aos eventos traumáticos.

Breuer denominou **método cartático** o tratamento que possibilita a liberação de afetos e emoções ligadas a acontecimentos traumáticos que não

puderam ser expressos na ocasião da vivência desagradável ou dolorosa. Esta liberação de afetos leva à eliminação dos sintomas.

Freud, em sua *Autobiografia*, afirma que desde início de sua prática médica usara hipnose, não só com objetivos de sugestão, mas também para obter a história da origem dos sintomas. Posteriormente, passou a utilizar o método cartático e, "aos poucos, foi modificando a técnica de Breuer: abandonou a hipnose porque nem todos os pacientes se prestavam a ser hipnotizados; desenvolveu a técnica de 'concentração', na qual a rememoração sistemática era feita por meio da conversação normal; e por fim, acatando a sugestão (de uma jovem) anônima, abandonou as perguntas – e com elas a direção da sessão – para se criar por completo à fala desordenada do paciente".

3.2 A Descoberta do Inconsciente

"Qual poderia ser a causa de os pacientes esquecerem tantos fatos de sua vida interior e exterior...?", perguntava-se Freud.

O esquecido era sempre algo penoso para indivíduo, e era exatamente por isso que havia sido esquecido. Quando Freud abandona as perguntas no trabalho terapêutico com os pacientes e os deixa dar livre curso às suas idéias, observa que, muitas vezes, os pacientes ficaram embaraçados, envergonhados com algumas idéias ou imagens que lhes ocorriam. A esta força psíquica que se punha a tornar consciente, a revelar um pensamento, Freud denominou **resistência**. E chamou de **repressão** o processo psíquico que visa encobrir, fazer desaparecer da consciência, uma idéia ou representação insuportável dolorosa que está na origem do sintoma. Estes conteúdos psíquicos "localizam-se"no **inconsciente**.

Tais descobertas "(...) constituíram a base principal da compreensão das neuroses e impuseram uma modificação do trabalho terapêutico. Seu objetivo (...) era descobrir as repressões e suprimi-las através de um juízo que aceitasse ou condenasse definitivamente o excluído pela repressão. Considerando este novo estado de coisas, dei ao método de investigação e cura resultante o nome de psicanálise em substituição ao de catártico".

3.2.1 A Primeira Teoria Sobre a Estrutura do Aparelho Psíquico

Em 1900, no livro *A interpretação dos sonhos*, Freud apresenta a primeira concepção sobre a estrutura e funcionamento da personalidade. Essa teoria refere-se à existência de três sistemas ou instâncias psíquicas: inconsciente, pré-consciente e consciente.

- O **inconsciente** exprime o "conjunto dos conteúdos não presentes no campo atual da consciência". É constituído por conteúdos reprimidos, que não tem acesso aos sistemas pré-consciente/consciente, pela ação de censuras internas. Estes conteúdos podem ter sido conscientes, em algum momento, e ter sido reprimidos, isto é, "foram" para o inconsciente, ou podem ser genuinamente inconscientes. O inconsciente é um sistema do aparelho psíquico regido por leis próprias de funcionamento. Por exemplo, não existem as noções de passado e presente.

- O **pré-consciente** refere-se ao sistema onde permanecem aqueles conteúdos acessíveis à consciência, neste momento, mas que no momento seguinte pode estar.

- O **consciente** é o sistema do aparelho psíquico que recebe ao mesmo tempo as informações do mundo exterior e as do mundo interior. Na consciência, destaca-se o fenômeno da percepção e, principalmente, a percepção do mundo exterior.

3.2.2 A Descoberta da Sexualidade Infantil

Freud, em suas investigações na prática clínica sobre as causas e funcionamentos das neuroses, descobriu que a grande maioria de pensamentos e desejos reprimidos referia-se a conflito de ordem sexual, localizados nos primeiros

anos de vida dos indivíduos, isto é, que na vida infantil estavam as experiências de caráter traumático, reprimidas, que se configuravam como origem dos sintomas atuais, e confirmava-se, desta forma, que as ocorrências deste período da vida deixam marcas profundas na estruturação da personalidade. As descobertas colocam a sexualidade no centro da vida psíquica e é postulada a existência da sexualidade infantil. Estas afirmações tiveram profundas repercussões na sociedade puritana da época, pela concepção vigente da infância como "inocente".

Os principais aspectos destas descobertas são:

- A função sexual existe desde o princípio da vida, logo após o nascimento, e não só partir da puberdade com afirmavam as idéias dominantes.
- O período de desenvolvimento da sexualidade é longe e complexo até chegar à sexualidade adulta, onde as funções de reprodução e de obtenção do prazer podem estar associadas, tanto no homem como na mulher. Esta afirmação contrariava as idéias predominantes de que o sexo estava associado, exclusivamente, à reprodução.
- A **libido**, nas palavras de Freud, é "a energia dos instintos sexuais e só deles".

No processo de desenvolvimento psicosexual, o indivíduo tem, nos primeiros tempos de vida, a função sexual ligada à sobrevivência e, portanto o prazer é encontrado no próprio corpo. O corpo é erotizado, isto é, as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo, e há um desenvolvimento progressivo que levou Freud a postular as fases do desenvolvimento sexual em: **fase oral** (a zona de erotização é a boca), **fase anal** (a zona de erotização é o ânus), **fase fática** (a zona de erotização é o órgão sexual), em seguida vem um período de **latência**, que se prolonga até a puberdade e se caracteriza por uma diminuição das atividades sexuais, isto é, á um "intervalo" na evolução da sexualidade. E, finalmente, na adolescência é atingida a última fase, isto é, a **fase genital**, quando o objeto de erotização ou de desejo não está mais no próprio corpo, mas em um objeto externo ao indivíduo – o outro.

No decorrer dessas fases, vários processos e ocorrências sucedem-se. Desses eventos, destaca-se o **complexo de Édipo**, pois é em torno dele que ocorre a estruturação da personalidade do indivíduo. Acontece entre 2 e 5 anos. No complexo de Édipo, a mãe é o objeto de desejo do menino, e pai é o rival que impede seu acesso a objeto desejado. Ele procura então assemelhar-se ao pai para “ter” a mãe, escolhendo-o como modelo de comportamento, passando a internalizar as regras e as normas sociais representadas e impostas pela autoridade paterna. Posteriormente, por medo da perda do amor do pai, “desiste” da mãe, isto é, a mãe é “trocada” pela riqueza do mundo social e cultural, e o garoto pode, então, participar do mundo social, por tem suas regras básicas internalizadas através da identificação com o pai. Este processo também ocorre com as meninas, sendo invertidas as figuras de desejo e de identificação. Freud fala em Édipo feminino.

Explicando alguns conceitos

Antes de prosseguirmos um pouco mais acerca das descobertas fundamentais de Freud, é necessário esclarecer alguns aspectos que permitem compreender os dados e informações colocados até aqui, de um modo dinâmico e sem considera-los descobertas cristalizadas. Além disso, estes aspectos também são postulações de Freud, e seu conhecimento é fundamental para se compreender a continuidade do desenvolvimento de sua teoria.

1. No processo terapêutico e de postulação teórica, Freud, inicialmente, entendia que todas as cenas relatadas pelos pacientes tinham de fato ocorrido. Posteriormente descobriu que poderiam ter sido imaginadas, mas com a mesma força e conseqüências de uma situação real. Aquilo que, para o individuo, assume o valor de realidade é a **realidade psíquica**.
2. O funcionalismo psíquico é concebido a partir de três pontos de vista: **econômico** (existe uma quantidade de energia que “alimenta” os processos psíquicos), o **tópico** (o aparelho psíquico é constituído de um

número de sistemas que são diferenciados quanto a sua natureza e modo de funcionamento, que permite considerá-lo com "lugar" psíquico) e o **dinâmico** (no interior d psiquismo existem forças que entram em conflito e estão, permanentemente, ativas. A origem dessas forças é pulsão). E compreender os processos e fenômenos psíquicos é considerar os três pontos de vista simultaneamente.

3. A **pulsão** refere-se a um estado de tensão que busca, através de um objeto, a supressão deste estado. *Eros* é a pulsa de vida e abrange as pulsões sexuais e as de autoconservação. *Tanatos* é a pulsão de morte, pode ser autodestrutiva ou estar dirigida para fora e se manifestar como pulsão agressiva ou destrutiva.

3.2.3 A Segunda Teoria do Aparelho Psíquico

Entre 1920 a 1923, Freud remodela a teoria do aparelho psíquico e introduz os conceitos de **id**, **ego**, e **superego** para referir-se aos três sistemas da personalidade.

O **id** constitui o reservatório da energia psíquica, é onde se "localizam" as pulsões: a de vida e a de morte. As características atribuídas ao sistema inconsciente, na primeira teoria, são, nesta teoria, atribuídas ao id. É regido pelo princípio do prazer.

O **ego** é o sistema que estabelece o equilíbrio entre as exigências do id, as exigências da realidade e as "ordens" do superego. Procura "dar conta" dos interesses da pessoa. É regido pelo princípio da realidade, que, com o princípio do prazer, rege funcionalismo psíquico. É um regulador, na medida em que altera o princípio do prazer para buscar a satisfação considerando as condições objetivas pelo evitamento do desprazer. As funções básicas do ego são: percepção, memória, sentimentos, pensamento.

O **superego** origina-se com o complexo de Édipo, a partir da internalização das proibições, dos limites e da autoridade. A moral, os ideais são unções do superego. O conteúdo do superego refere-se a exigências sociais e culturais.

O ego e, posteriormente, o superego são diferenciações do id, o que demonstra uma interdependência entre esses três sistemas, retirando a idéia de sistemas separados. O id refere-se ao inconsciente, mas o ego e o superego têm, também, aspectos ou "partes" inconscientes.

3.2.4 Os Mecanismos de Defesa, ou a Realidade como ela não é

A percepção de um acontecimento, do mundo externo ou do mundo interno, pode ser algo muito constrangedor, doloroso, desorganizador. Para evitar este desprazer, a pessoa "deforma" ou suprime a realidade – deixa de registrar percepções externas, afasta determinados conteúdos psíquicos, interfere no pensamento.

São vários os mecanismos que o indivíduo pode usar para realizar esta deformação da realidade, chamados de **mecanismos de defesa**. São processos realizados pelo ego e são inconscientes.

Para Freud, defesa é a operação pela qual o ego exclui da consciência os conteúdos indesejáveis, protegendo, desta forma, o aparelho psíquico. O ego – uma instância a serviço da realidade externa e sede dos processos defensivos – mobiliza estes mecanismos, que suprimem ou dissimulam a percepção do perigo interno, em função de perigos reais ou imaginários localizados no mundo exterior.

Estes mecanismos são:

- **Recalque**: o indivíduo "não vê", "não ouve" o que ocorre. Existe a supressão de uma parte da realidade. Este aspecto que não é percebido pelo indivíduo faz parte de um todo e, ao ficar invisível, altera, deforma sentido do todo. É como se, ao ler esta página, uma palavra ou uma das linhas não estivesse impressa, e isto impedisse a compreensão da frase, ou desse outro sentido ao que está escrito. O recalque, ao suprir a percepção do que está acontecendo, é o mais radical dos mecanismos de defesa. Os demais referem-se a deformações da realidade.
- **Formação reativa**: o ego procura afastar o desejo que vai a determinada direção, e, para isto, o indivíduo adota uma atitude oposta

a este desejo. Um bom exemplo são as atitudes exageradas – ternura excessiva, superproteção – que escondem o seu oposto, no caso, um desejo agressivo intenso. Aquilo que aparece (a atitude) visa esconder do próprio indivíduo suas verdadeiras motivações (o desejo), para preserva-lo de uma descoberta acerca de si mesmo que poderia ser bastante dolorosa. É o caso da mãe que superprotege o filho, do qual tem muita raiva porque atribui a ele muitas de suas dificuldades pessoais.Para muitas dessas mães, pode ser aterrador admitir essa agressividade em relação ao filho.

- **Regressão**: o indivíduo retorna a etapas anteriores de seu desenvolvimento; é uma passagem para modos de expressão mais primitivos. Um exemplo é o da pessoa que enfrenta situações difíceis com bastante ponderação e, ao ver uma barata, sobe na mesa, aos berros. Com certeza, não é só uma barata que ela vê na barata.
- **Projeção**: é uma confluência de distorções do mundo externo e interno. O indivíduo localiza (projeta) algo de si no mundo externo e não percebe aquilo que foi projetado como algo seu que considera indesejável. É um mecanismo de uso freqüente e observável na vida cotidiana. Um exemplo é o jovem que critica os colegas por serem extremamente competitivos e não se dá conta de que também o é, às vezes até mais que os colegas.
- **Racionalização**: o indivíduo constrói uma argumentação intelectualmente convincente e aceitável, que justifica os estados “deformados” da consciência. Isto é, uma defesa que justifica as outras. Portanto, na racionalização, ego coloca a razão a serviço do irracional e utiliza para isto o material fornecido pela cultura, ou mesmo pelo saber científico. Dois exemplos: o pudor excessivo (formação reativa), justificado com argumentos morais; e as justificativas ideológicas para os impulsos destrutivos que eclodem na guerra, no preconceito e na defesa da pena de morte.

Além destes mecanismos de defesa do ego, existem outros: denegação, identificação, isolamento, anulação retroativa, inversão e retorno sobre si mesmo. Todos nós os utilizamos em nossa vida cotidiana, isto é, deformamos a realidade para nos defender de perigos internos ou externos, reais ou imaginários. O uso destes mecanismos não é, em si, patológico, contudo distorce a realidade, e é só o seu desvendamento que pode nos fazer superar essa falsa consciência, u melhor, ver a realidade como ela é.

3.3 Psicanálise: Método e Forma de Atuação

A função primordial da clínica psicanalítica – a análise – é buscar a origem do sintoma, ou do comportamento manifestado, ou d que é verbalizado, isto é, integrar os conteúdos inconscientes na consciência cm o objetivo de cura ou de autoconhecimento. Para iss, é necessário vencer as resistências do indivíduo, que impedem acesso ao inconsciente.

O método para atingir esses objetivos é da **interpretação** dos sonhos, dos atos falhos (os esquecimentos, as substituições de palavras etc.) e as associações livres. Em cada um desses caminhos de acesso ao inconsciente é a história pessoa que conta. Cada palavra, cada símbolo tem um significado particular para cada indivíduo. Por isso é que se diz que, a cada na situação, repete-se a experiência inaugurada por Freud.

É comum imaginarmos a Psicanálise acontecendo num consultório com um paciente deitado num divã, até porque esta tem sido, tradicionalmente, a sua prática. Porém, coexistindo com isto, é possível observar o esforço de estudiosos no sentido de ampliar o raio de contribuição da Psicanálise aos fenômenos de grupos, às práticas institucionais e à compreensão de fenômenos sociais, como a violência e a delinqüência, por exemplo.

Aliás, o próprio Freud, em várias de suas obras – *O mal estar na civilização, Psicologia de massa e análise do ego, Reflexões para os tempos de guerra e morte* –, coloca questões sociais e ainda atuais como objeto de reflexão.

Portanto, além das contribuições para a revisão de práticas profissionais, buscando, por exemplo, um atendimento ao doente mental que supere o isolamento dos manicômios, a maior contribuição da Psicanálise é indicar que o mais importante na sociedade na é a representação que ela faz de si, ou as manifestações mais elevadas, mas aquilo que está além dessas aparências. Isto é, a angústia difusa, o aumento do racismo, a vitimização das crianças, o terrorismo. Em suma, a Psicanálise nos faz ver aquilo que mais nos incomoda: a possibilidade constante de dissociação dos vínculos sociais.